ISMAEL A. CHUVAS
ENCADERNADOR
C. DOS APOSTOLOS
COIMBRA

CF
B/2/1
Reg.º 21
Sala 1

Faculdade de Letras de Coimbra
CENTRO DE ESTUDOS ROMÂNICOS
Carolina Michaëlis de Vasconcelos
N.º_____/_____

EXCLUIDO DO
EMPRÉSTIMO
DOMICILIÁRIO

AS OBRAS DO CELEBRADO LVSITANO,

O doutor Fracisco de Sà de Miranda.

Collegidas por Manoel de Lyra.

Dirigidas ao muito illustre Senhor dom Ieronymo de Castro, &c.

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA
INSTITUTO DE CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

Impressas com licença do Supremo Conselho da Santa Geral Inquisiçaõ, e Ordinario. Anno de 1595.

Com privilegio Real por dez annos.

VIDA DO DOVTOR FRANCISCO DE SA DE MIRANda, collegida de pessoas fidedignas que o conhecerão, & tratarão, & dos liuros das gerações deste Reyno.

NASCEO Francisco de Sà de Miranda na Cidade de Coymbra no Anno do Senhor de 1495. o mesmo dia em que el Rey Dom Manoel tomou posse do gouerno destes Reynos, foy filho de Gonçalo Mendes de Sá, & neto de Ioão Gonçalues de Miranda, que viueo junto a Buarcos, & de Dona Phelippa de Sâ sua molher, que era filha de Rodriguenes de Sà, & neta de Ioão Rodrigues de Sá o primeiro que chamarão das Galès assas conhecido em tempo del Rey Dom Ioão de boa memoria. Despois das primeiras letras de humanidade (em que foy insigne) estudou leys mais em obsequio ao gosto del Rey Dom Ioão o Terceiro, q̃ de nouo plantara então a Vniuersidade na sua terra; q̃ por inclinação que tiuesse àquella maneira de vida, & com tudo obedecendo a seu pay que lha escolbera, continuou nella com felices porgressos, & sabio grande letrado, tomou o grao de Doutor, & leo varias cadeiras daquella faculdade em sua propria patria, porẽ conhecẽdo os perigos que o vso desta sciencia tras consigo em materia de julgar, tanto que lhe faltou seu pay não sô deixou de todo as escollas, mas engeitou os lugares do Desembargo, q̃ por muitas vezes lhe forão offerecidos ficando sò consumandose no estudo da Philosophia Moral, & Estoyca a que sua natureza o inclinaua.

¶¶ Eleuan-

E leuantandolhe ella o pensamento ao desprezo de todas as cousas de cà, quis peregrinar pollo mundo, porque no repouso a que determinaua recolherse, o não inquietassem as nouas do que não vira, & assi se foy a Italia visitando primeiro os mais celebres lugares de Espanha, & tendo visto com vagar, & curiosidade Roma, Veneza, Napoles, Milão, Florença, & o milhor de Cicilia, tornouse ao Reyno, & deteuese algum tempo na corte del Rey Dom Ioão o Terceiro, que ja auia muito que reynaua, & alli co as calidades de sua pessoa, & boas partes q̃ nelle concorrião, sem outra alg̃a ajuda das que costumão leuantar ainda os indignos, se fez tamanho lugar, que foy sem controuersia, senão o mayor hum dos mais estimados cortesaõs de seu tempo, concorrendo cos milhores que este Reyno teue por ventura, & isto naõ so dos companheiros, mas del Rey, & dos Principes, & o que he mais dos vallidos com quem ordinariamente nam adiantão os amigos de antes quebrar, que torcer (como elle diz) tomando em desprezo proprio a estimaçam alhea, & sentindo como injurias particulares a detestaçam que os judiciosos, & discursiuos fazem dos vicios em gèral.

Mas nam foy isto sempre, o bom acolhimento digo que achou no mayor poder, porque ainda que o nosso Poeta podera ser em seu modo mayor que a enueja (Como Quinto Curcio diz que o foy Alexandre no seu) nam quis ella perdoarlhe, concitando em seu danno hũa pessoa muito poderosa daquella era em desprazer de quem se interpretaua mal polla mesma enueja hum lugar da sua Egloga de Aleyxo, o que sentindo elle, nem querendo declararse milhor, nem esperar â vista os effeitos da ira declarada, tendolhe el Rey dado hũa Comenda do Mestrado de Christo, que chamaõ as duas Igrejas no Arcebispado de Braga junto à Ponte de Lima, recolheose a hũa quinta que tambem tinha ahi perto chamada a Tapada, deixando o mimo da Corte, a conuer-

saçam

façam aos amigos, a esperança de mayores mercês assegura da no fauor do Principe Dõ Ioaõ, q̃ em muito tẽra idade, começaua a fazerlhe grande, è do Cardeal Dõ Henrique, q̃ cõ mostras de particular affeição assistia a suas cousas, è estando alli logrando quietamẽte o fruto de seus estudos, & peregrinações, casou com Dona Briolanja Dazeuedo filha de Francisco Machado senhor da Lousaã, de Crasto, Darega, & das terras de entre Homẽ, & Câuado, & de Dona Ioana Dazeuedo sua molher, com a qual viueo annos em grande conformidade sendo ẽlla taõ pouco fermosa exteriormente, & de tanta idade q̃ quando a pedio a seus irmãos Manoel Machado, é Bernaldim Machado, por ser seu pay jà morto, não quiserão elles diffirirlhe ao casamento, sem q̃ primeiro visse bẽ a noyua, & sendolhe mostrada pollos irmãos, disse para ella, castigayme senhora cõ esse bordão, porq̃ vim tam tarde, mas parece q̃ como Francisco de Sà viueo em todas as cousas do mundo quasi abstraydo do mesmo mundo, q̃ assi foy tambẽ nisto, naõ lhe faltando algũ Philosopho aquẽ imitasse, estimando sobre tudo os dotes dalma daquella matrona, q̃ foram excellentes, cõforme a seu estado por testemunho de homẽs daquella comarca, que indà oje o dam do cuidado q̃ tinha da honra de Deos, do descanso de seu marido, da criaçam de seus filhos, da doutrina de seus criados, & do prouimento de sua casa, com que o marido a amaua de maneira q̃ faltandolhe ella faltou elle breuemente entre estremos de sentimento senam dignos do animo de hũ tam grande Philosopho, deuidos pollo menos á estimaçam que com seu profundo juizo fez daquella perda.

Teue dous filhos desta molher de q̃ o primeiro se chamou Gonçalo Mendez de Sâ como seu auò, o qual ainda muy mancebo, mas de tam boa indole, & partes (como o elle pinta na Elegia, que acerca de sua morte respondeo o Doutor Antonio Ferreira) mandou a Africa seruir hũa comenda

(a onde quasi todos os moços daquelle tempo tinhão a
primeira espada) & chegado de poucos dias a Ceyta sucee-
deo a perda de Dom Pedro de Menezes filho do primeiro
Conde de Linhares Dom Antonio, que era Capitam do lu-
gar onde Gõçalo Mendez tambẽ acabou cõ muitos outros,
entre os quais foy Dom Antonio de Noronha sobrinho do
Capitam filho do Conde Dom Francisco q̃ deu cõ sua morte
occasiam âquella lamentauel Egloga de Luis de Camões de
Vmbrano, & Frondelio. Chamouse o outro filho Hieronymo
mo de Sà Dazeuedo, o qual casou despois da morte de seu
pay cõ Dona Maria de Menezes filha de Francisco da Sil
ua de Menezes o Galego, irmaõ inteiro de Diogo de Sousa,
q̃ foy pay do Conde Ruy Mendes de Vasconcellos, que oje
viue, è de Dona Lianor de Mello sua molher filha de Dõ
Aluaro de Mello Abbade, q̃ foy de Refoyos de Lima, dos
quais he filho Francisco de Sà de Menezes, que viue de pre
sente neto do nosso Francisco de Sá, è o foy tambẽ hũa irmã
sua q̃ casou cõ Dõ Fernando Cores Sotomayor, q̃ viuia em
Saluaterra de Galiza o anno de 1593. já viuuo della, &
be rezaõ que digamos aqui q̃ quando aquelle fidalgo casou
com esta neta de Francisco de Sà, quis que no dote q̃ lhe de-
ram entrasse em hũ grande preço o Liuro Original de suas
Poesias, o qual tẽ, & estima como ellas merecẽ, a mayor par
te das quais elle cõpos naquella sua quinta da Tapada em
estilo Lirico, & Pastoril, & todas, ou as mais dellas sobre
casos particulares que succederam na corte em seu tempo,
introduzindo pessoas conhecidas daquelles q̃ entam viuiaõ,
de que ainda temos algũas tradições, è vestigios deriuados
a nòs dos contẽporaneos que o venceram em dias, & se ou-
uera algũ que fizera hũa anotaçam disto, por ventura que
fora bem agradauel historia, porque nam ficaramos só pen-
dẽtes cada hum de seu juizo na especulaçam destas causas,
ainda que o engenho, & artefício Poetico cõ que as elle dis-
pos he

curiosidade, porque de maneira se aproueitou da doutrina, & preceitos de todos os Philosophos, & Poetas que se concorrera cõ elles em hum mesmo tẽpo, mal se poderão determinar os homẽs q̃ lerão as obras de hũs, & outros quẽ imitara a quẽ; que assi leuantou Francisco de Sà, & sobio em muitos lugares as cousas daquelles que milhor se pode affirmar, que saõ nelle proprias, que imitadas.

Tratou antes de conceitos, & substancias, que de termos vãos, & põposos, spanto de principiantes, rediculos; & inuteis aos que milhor entendem, guardando todauia com tamanho rigor as regras da arte, que os que attentamente o passarẽ não lhes ficarà necessidade de lèr em as Poeticas de Aristoteles, & Horacio, que elle parece, não largaua da mão.

Foy o primeiro que compos versos grandes neste Reyno, bastante desculpa das miudezas q̃ se tachão em algũs seus desta medida (pera aquelles homẽs, ao menos que attendẽdo ao que se diz, não curão muito do modo) & tambem o he não pequena pera os muy obseruantes da lingoa Castelhana, se no que compos nella acharem que calumniar (em rezam de palauras), auer escrito em tempo que os Portugueses senam entendiam tambem co ella, como com elles; & as lingoas vulgares, que nam pendem de preceitos coartadamẽte nunca se sabem bem senam co vso contino, & tratto ciuil; & sempre os estrangeiros, que as nam tiuerem praticado mnito fallaram, & escreueram com grande perigo nellas de maos ascentos, & piores significações, de que poderamos appontar exemplos, senam ficaram mais em escandalo de algũs, q̃ em vtilidade de nosso intento q̃ ha mister menos, porq̃ na substancia, è madureza de Francisco de Sâ saõ isto accidẽtes de nenhũa importancia, o qual naõ sòmẽte foy inculpauel na grauidade das sentẽças, na agudeza dos concei

na imitação dos Poetas, na obseruação das regras, senão inimitauel tãbẽ na pureza cõ q̃ fallou em materias amorosas, q̃ he de maneira que até as duas Comedias q̃ fez em prosa, q̃ por rezão do estilo Comico saõ mais licenciosas, o Cardeal Dom Anrique que despois foy Rey destes Reynos, tam pio tam zelador da Fè, & dos bõs costumes, reformador das Religiões, Legado à Lattere, Inquisidor Mór, não só lhas mãdou pedir pera as fazer (como fez) representar diante de si por pessoas que despois foram grauissimos ministros, a que se achou presente entre outros Dom Iorge de Atayde Bispo de Viseu, meritissimo Abbade d'Alcobaça do Conselho do Estado, & Capellão Môr del Rey, senão pouco despois de Francisco de Sà morto, porque se ellas nam perdessem as fez imprimir ambas em Coymbra na forma em que andam, & as tinha, & lia muitas vezes.

Foy tam particular mestre do tratto da nossa Corte do nosso modo de conuersar dos termos com que entre nòs se declaraõ os que milhor sabem declararse, que passando ha tantos annos ainda oje os bem lidos nelle se vallem de sua doutrina, como de Apothemas argutissimos em toda a varieda de de materias tocantes a estilos de Corte, & costumes politicos, & ainda os Prègadores nos pulpitos.

Morreolhe sua molher o Anno de 1555. com o q̃ elle começou a morrer logo tambem pera todas as cousas de seu gosto, & antigos exercicios, tanto que viuendo ainda tres annos despois della, nam se acha que composesse mais que hum Soneto, que fez á sua morte, que começa. Aquelle spirito jâ tam bem pagado, & affirmão pessoas que o conheceram, que nunca mais sahio de hũa casa, senam pera ouuir os Officios Diuinos, nem apparou a barba, nem cortou as vnhas, nem respondeo a carta que lhe alguem escreuesse atè que acabou de todo.

Foy

Foy homem grosso de corpo, de meãa estatura, muito aluo de maõs, & rostro, com pouca còr nelle, o cabello preto, & corredio, a barba muito pouoada, & de seu natural crecida, os olhos verdes bem assombrados, mas com algũa demasia grandes, o naris comprido, & com cauallo, graue na pessoa, melancolico na apparencia, mas facil, & humano na conuersaçam, engraçado nella com bom tom de falla, & menos parco em fallar, que em rir, & porque pode seruir pera melhor intelligencia de algũas figuras, termos, & sentẽças destes seus papeis o conhecimento de seus particulares exercicios, direy aqui o que pude alcançar delles.

Era inclinado á caça dos Lobos, & exercitaua muitas vezes, indo a ella foteado todo, & â gineta, jugaua o taboleiro, & nenhum outro jogo, donde parece que tirou a metaphora de que vsa nas Eglogas de Basto, & na de Nemoroso, & alguns outros lugares, como [Si licet sacra miscere profanis] fez o Propheta Amos, que do exercicio do campo em que se criou tomou os termos com que escreueo a sua prophecia; tangia violas darco, & era dado à musica, de maneira que com nam ser muy rico tinha em sua casa mestres della custosos, que ensinauam a seu filho Hieronymo de Sá, de quem se diz que foy estremado naquella arte, & contaua Diogo Bernardes (a quem seguimos em muita parte disto) que quando o hia a ver viuendo em Ponte de Lima, patria sua, lhe mandaua tanger o filho em diuersos instrumentos, & o reprendia algũa vez de algum descuido, foy sobrio, & austero consigo, & largo com algum excesso cos hospedes que indifferentemeute agasalhaua com gosto particular, costumando a dizer, que o liurauam de si o tempo em que os conuersaua, & cõrezam, porque se conta delle que estando sem gente de cumprimẽto (& ainda cõ ella) se suspendia algũas vezes, & muy de ordinario derramaua lagrimas sem o sentir; porque quando lhe acontecia à vista

a alguem, nem as enxugaua, nem torcia o rosto, nem deixaua de continuar no que hia fallando, parece que como outro Heraclito com a magoa do que lhe reuelaua o spirito dos infortunios da sua terra, de que nestes papeis seus se vee quam grandemente se temia.

Soube tanto da lingoa Grega, que lia a Homero nella, & acotaua de sua mão em Grego tambẽ, & no anno de 1584. tinha este liuro que fora seu, Gonçalo da Fonseca de Castro morador em Lamego fidalgo curioso, & bem instruydo na lingoa Latina, ao qual, & a Gomez Machado Dazeuedo, que ainda oje viue na comarca d'entre Douro, & Minho, & viuia entam em Villa Real, sobrinho da molher de Francisco de Sà, filho de Bernaldim Machado seu irmão, & aos Doctores Hieronymo Pereyra de Sá, & Anrique de Sousa Desembargadores que foram do Paço pouco ha passados, estreitos parentes seus, ê ao senhor Dom Manoel de Portugal digno por seu admirauel spirito deste, & doutros mayores titulos, com os mais que nomeamos seguimos nesta Relaçam.

E sobre tudo o que mais soube Francisco de Sâ foy ser pio, & Catholico Christaõ, deuotissimo em particular da Virgẽ nossa Senhora, em cujo louuor compos as duas Canções que nestes papeis se vem em seu nome. Morreo com todos os Sacramentos de idade de 63. Annos no de nosso Saluador de 1558. está enterrado na Igreja de Sam Martinho de Carrazedo Arcebispado de Braga com sua molher, & cunhados na Capella de Santa Margarida.

E Martim Gonçaluez da Camara varam grauissimo filho do Capitam da Ilha da Madeira do Conselho do estado del Rey grande vallido de Dom Sebastiam o primeiro, & muy estimado de sua Magestade, que Deos guarde auendo resistido as dignidades Ecclesiasticas que lhe foram offerecidas, & retiradose no fim da idade a viuer priuadamẽte cos

Padres

Padres da Companhia em Sam Roque de Lisboa, não lhe pareceo que encontraua os intentos com que se alli fora, nem as calidades, & circunstancias que nelle concorriam em tratar da honra que se deuia à memoria de tam grande homẽ, & assi se occupou os vltimos meses de sua vida em lhe mandar lá melhorar a sepultura, & pôr este Epitaphio em lingoa Latina, polla qual obra será sempre tam louuado dos bõs spiritos, como he rezam que o seja de todos os homẽs pollo zelo da justiça, & bem publico que mostrou em todos os estados, & fortunas, &c.

EPITAPHIVM

FRANCISCI DE SAA

De Miranda.

RVstica quæ fuerat solis vix cognita siluis
Aulica Miranda Musa canense fuit
Maturosq; iocos, & ludrica seria ludens
Diuina humanum miscuit arte Melos
Cum posset gladio transcendere nomen auorum
Maluit arguti militiam calami
Post habuit fasces, & inertis laudis honores
Ac docuit plectro pro meruisse decus
Omnia Mirandus Mirandus puluére, in ipso est
Puluére in hoc patriæ gloria escripta manet.

TABOADA
DESTE LIVRO.

Eglogas.

D *De los nobles Floyais.* Fol. 53
Derecho successor, firme coluna. 65
E *El congoxoso llanto, el temerario.* 32
Estas nuestras çampoñas las primeras. 77
F *Filho daquelle nobre, & valeroso.* 41
I *Inclito Rey que de vno al otro Polo.* 9
P *Polas ribeiras de hũs rios.* 93
S *Serenissimo Iffante a quien se deue.* 22

Cartas.

C *Como eu vi correr pardaos.* 107
Cuidando em vos senhora no alto engenho. 125
D *Dos nossos Sâs Coloneses.* 115
E *Em quanto de hũa esperança.* 111
Esta branda Elegia, esta tam vossa. 132
G *Guadalquiuir arriba a rica praya.* 121
M *Monte Mayor, que a lo alto del Parnaso.* 128
N *No lugar onde me vistes.* 118
R *Rey de muitos Reys se hum dia.* 102

Elegia.

O *O Principe Dom Ioam de Portugal.* 134

Can-

Cançoes.

D — Dia gracioso, & claro. 141
V — Virgem fermosa que achastes a graça. 138

Sonetos.

A — A Principe tamanho. 1
— A do se boluerà. 6
— Ah que diré que es esto. 5
— Alma que fica por fazer. 3
— Amor que nam farà. 3
— Amor tirando vá. 6
— Aquella apresurada. 5
— Aquella fé tam pura. 2
— Aquellas esperanças. 2
— Aquelle spirito jâ. 7
— Assi que me mandaueis. 8
— A vossa verdadeira penitente. 7
C — Cabe vna fuente. 6
D — Del Tibre embuelto. 4
— Desarrezoado amor. 2
E — Em pena tam cruel. 2
— Entre Sesto, y Abido. 5
— Este retrato vosso. 7
I — Inda que em vossa Alteza. 1
— Yo no entiendo bien que. 4
L — Lleuada al sacrificio. 5
N — Nam ousaram têgora. 8

Nam sey que em vos. 3
Neste começo de anno. 7
O — O Sol he grande. 3
Q — Que es esto Philis. 6
Quando eu senhora em vos. 4
Quien darà a los mis ojos. 4
S — Soem as vezes ser. 8
T — Tantas merces. 8
Tardey, & cuido. 1

Esparsas.

A — A vossa bulla do amor. 144
C — Como nam quereis que seja. 144
Serra a serpente os ouuidos. 145
D — Do passado arrependido. 144
M — Mandar em tal tempo luuas. 145
N — Nam vejo o vostro a ninguem. 144
P — Porque pudera abafar. 144
Q — Quando nos meus erros cuido. 145
Que la mi vida se assuele. 145
T — Todas as cousas tem cabo. 144
Tornouse me tudo em vento. 144

Cantigas.

A — Ay que el alma se me sale. 150
Alma tam sem assossego. 148
Até quando me tereis. 151
C — Cego deste meu desejo. 146

Comigo

Comigo me desauim. 145
Como no se desespera. 149
D De quem me deuo queixar. 151
E El agrauio que recibo. 148
En toda la Tramontana. 150
Entre temor, & desejo. 151
F Foyme grande agrauo feito. 146
H Hũa morte ey de morrer. 149
Huye el tiempo, està el mal quedo. 150
L La que yo tengo no es prision. 149
La bella mal maridada. 150
Ledo em meus males sem cura. 149
M Mal de que eu me contentey. 149
N Nacido, & criado em meo. 145
Nada do que vêz he assi. 146
Naquella alta serra. 151
O O coração que vos vee. 146
Olhay a camanha estreita. 147
P Pois meu mal com quanto he. 147
Por estes campos sem fim. 147
Puede se esta llamar vida. 148
Q Que he isto onde me lançou. 145
Quanto mal me hão ordenado. 148
R Rezão, & tempo seria. 146
S Senhora oyd la mi suerte. 148
Se me este cuidado atura. 147

Sortes,

Sortes, & venturas são. 145
T Toda a esperança he perdida. 147
Tudo passa como vento. 147

Vilancetes.

A Acostumeyme a meus males. 157
C Coraçáo onde jouuestes. 153
D Deixayme as minhas tristezas. 153
Desenganey hum cuydado. 155
Dime tu señora di. 156
E Em pago daquella dòr. 152
En mi coraçon os tengo. 155
En las tierras de do vine. 154
Esperanças mal tomadas. 152
Este mal. 155
Estes meus olhos que assi. 154
N No pregunteis a mis males. 152
O O meu mal pudeo sofrer. 154
Os meus castellos de vento. 154
P Pois os meus olhos sam vossos. 153
Pollo bem mal me quisestes. 156
Por malos emboluedores. 158
Pusiera los mis amores. 158
Q Que posso de vos dizer. 156
Que mal auindos cuidados. 152
Que vos farey meu cuidado. 155
Quem cuidar, & quem disser. 155

Quien te hizo Iuan pastor. 156
Quien viesse aquel dia. 157
S Saudade minha. 154
Secaronme los pezares. 157
Se meu tormento me desse. 153
Sola me dexastes. 155
T Taño os yo mi pandero. 157
Todos vienen de la Villa. 152
Tu presencia desseada. 156

Epitaphios.

A Alma que em tam breues dias. 156
D De quam pouca terra satisfeita jaz. 158

Sextina.

N Nam posso tirar os olhos. 143

Redondilhas.

A Ay razon que tal consente. 143
I Inda que me eu ria, & cale. 158
P Partio o Francisco florido. 159

Grosa.

N Nose porque me fatigo. 160

O que vay acrescentado nesta segunda impressaõ.

¶ Hũa Elegia ao Principe Dom Ioam de Portugal.
O Principe Dom Ioam de Portugal.

Canção.

TABOADA.

Canção.

Dia gracioso, & claro.

Sonetos.

Neste começo de anno em tam bom dia.
Aquelle spirito ja tambem pagado.
Este retrato vosso he só final.

Esparsas.

A vossa bulla do amor.
Mandar em tal tempo luuas.
Serra a serpente os ouuidos.

Cantigas.

Como no se desespera.
Entre temor, y desseo.
Atè quando me tereis.

Vilancetes.

Quien viesse aquel dia.
En pago daquella dór.
No perguntеis a mis males.

Redondilhas soltas.

Partio o Francisco florido.
Inda que me eu ria, & cale.

O principio da Egloga de Aleyxo.

Em varias Cartas algũas Trouas.

FIM.

A terceira vez, mandandolhe mais obras.

SONETO.

Ardei, & cuido que me julgão mal,
Qu' emendo muito, & qu'emendãdo dãno,
Senhor porqu'ei grã medo ao mao engano.
Deste amor que nos temos desigual:
Todos a tudo o seu logo achão sal,
Eu risco, & risco, voume d'anno em anno:
Com hum dos seus olhos soo vay mais vfano
Philippo, assi Sertorio, assi Hannibal.
Ando cos meus papeis em differenças,
São preceitos de Horacio (me dirão)
Em al não posso, sigoo em apparenças:
Quem muito pelejou como irâ sam?
Quantos ledores, tantas as sentenças,
Cum vento vellas vem, & vellas vão.

Canção a Nossa Senhora, seguindo ao Petrarcha na composição daquella, *Vergene bella, &c.*

Irgem fermosa, que achastes a graça
Perdida antes por Eua, onde não chega.
O fraco entendimento chegue a Fee;
Coitada desta nossa vista cega,
Que anda apalpando pella neuoa baça,
E busca o que ante si tendo não vee,
Sem saber atinar como, ou porque
Entrei pellos perigos,
Rodeado de imigos,
Por piedade avos venho, e por merce,
Vos q̃ nos destes claro a tanto escuro,
Remedio a tanta mingoa,
Me dareis lingoa, & coração seguro.

Virgem toda sem magoa, inteira, & pura,
Sem sombra nem daquella culpa, herdada
Por todos nòs, tè o fim desde o começo,
Claridade do Sol nunca turbada:
Sanctissima & perfeita creatura:
Ante quẽ de mĩ fujo, & me aborreço:
Ey medo a quãto fiz, sey que mereço,
Dos meus erros m'espanto,
Que m'aprouuerão tanto,
Agora á sò lembrança desfalleço:
Mas lẽbrame porem que vos fizestes
Paz entre Deos & nos,

E aquẽ por vos chamou sempr' a mão destes.

Virgem seguro porto, emparo & abrigo
Aas mores tempestades, ah que tinha
Aos ventos esta vida encomendada,
Sem olhar ja a que parte hia ou vinha,
Descuidado de mĩ, & do perigo,
Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada:
Não vos seja em desprezo esta coitada
Alma que ante vos vem
Cos receos que tem,
De imigos grandes mal ameaçada:
E que eu tão peccador & errado seja,
Vença vossa bondade
Minha maldade grande, & assi sobeja.

Virgem do mar estrella, & neste lago
E nesta noite hum Faro, que nos guia
Pera o porto, antes claro & certo Norte:
Quem sem vos atinar; quem poderia
Abrir somente os olhos? vendo o estrago
Qu' atras olhando deixa feito a morte?
Quem me daria proa com que corte
Por tão braua tormenta?
De toda parte venta,
De toda espanta o tempo feo & forte:
Mas tudo que sera? co a vossa ajuda
Neuoa d'alagoa,
Que ao vẽto voa, & num momento a muda.

Virgem perfeita, & do Sacrario sancto
Porta qu' Ezechiel cerrada via,
Aa parte que responde ò Oriente:
Alto Situado, que todo elle ardia
Sem offendido ser tanto nem quanto,
E foi tal testemunha ali presente.
Vello de Gedeão, diuinamente,
E diuino final
Do orualho celestial,
Que tudo o mais enxuto, elle sò sente:
Senhora que podeis, em tal afronta
Restituime a mi
Antes da fim, que o sol vayse & trasmonta.

Virgem & madre juntamente, quem
Tal nunca ouuio? nẽ dantes nem depois,
Somẽt' em vos então quem o entendeo?
Vos madre & filha, vos esposa fois
Daquelle que apertado ao peito tem
Vossos braços, o que não pode o ceo,
Na vossa alta humildade se venceo
O soberbo tyranno,
Que com enueja & engano
Nos fez tão perigosa & longa guerra:
Por molher se causou tal dãno nosso,
Quem nos restituio
De vos sayo Sñora, o preço he vosso.

Virgem nossa esperança, hum alto poço,
De viuas agoas, que contino corre:
Em que se matão pera sempre as sedes,

Não de Nembrot, mas de Dauid a torre,
Donde socorro espero ao meu destroço,
Assi tão perseguido como vedes,
Dantre tão altas, tão grossas paredes,
De ferro carregado,
Hum coração coitado
Chama por vos enuolto em bastas redes:
Hũas sobre outras; porem sinais tenho
De ser do vosso bando,
Que a vos bradando por piedade venho.

Virgem do Sol vestida, & nos seus rayos
Claros, enuolta toda, & das estrellas
Coroada, & debaix'os pès a lũa,
Sam vindas minhas culpas & querellas
Sobre mĩ tantas, valeim' aos desmayos,
De muitas que possa yr chorando algũa:
Não me deixarão o desculpa nenhũa
Os meus erros sobejos,
Leuarãome os desejos
Tantas occasiões, indo hũa & hũa;
Quem tormenta passou per toda a praya
Com os ventos contrastando
Saya nadando ja cõa vida, & saya.

Virgem horto precioso, alto & deseso,
Rico ramo do tronco de Iesse,
Que floreceo milagrosamente,
Custodia preciosissima da Fè,
Que vos sò toda tiuestes em peso,
Tendo hum & o outro Sol sua luz ausente;

A alma que os seus enganos tarde sente
Altissima senhora,
Por vos sospira & chora;
Ontem minino, sou velho ao presente,
De dia em dia voume, d'anno em anno,
A a minha fim chegando,
Dissimulando a vergonha & o dano.

Virgem andando aqui, ja celestial,
E em corpo assi leuada ao ceo Empyreo,
Sem ser vista mais ca de olhos humanos,
Certa porta do ceo, dos valles lyrio,
Que nunca teue nem terá igual,
Dada porsò remedio a nossos dãnos,
Contra os demonios, sejão meridianos,
Sejão da noite escura;
Esperança segura
Taes forças, contra taes mestres d'enganos,
Com vosso esforço por terra & por mar,
Não digo eu auer medo,
Mas sair ao campo ledo, & pelejar.

Virgem das Virgẽs, como o tempo voa!
Nossa certa esperança,
Por toda a vezinhança
Quanto gemido a toda parte soa!
Quãtas lagrimas caem mal derramadas!
Mas posto de giolhos
A vos os olhos, tudo o mais sam nadas.

A HVM CAPITVLO DA MANEIRA ITALIANA, QVE FEZ FRANCISCO DE Sá de Meneſes á Madanella.

De Franciſco de Miranda, SONETO.

A voſſa verdadeira penitente
Quã bẽ guardaſtes ſeus põtos deuidos,
Os Apoſtolos erão ja partidos,
Ella não parte, ved' o qu' ali ſente:
E aſsi mereceo ver primeiramente
Deos em terra em habitos fingidos:
Tudo amor vence, altiſsimos ſentidos,
A quem tal ortelão ſe faz preſente.
Gregorio a poem por hũa, outros doutores
Fazẽas tres, apos Gregorio vão
Deſpois os mais, com todos os pintores.
Aquelles direy eu ſenhor que ſam,
Aquelles outra vez, que ſam amores,
Dos taes ſoſpiros hum ſoo nunca em vão.

SONETO.

YO no la entiendo bien, mas esta fuente
Habla comigo: y horas se m'antoja,
(Como de tantas quexas) que se enoja,
Oras que me consuela, y que las siente.
Truxome aqui vn cuidado, y no consiente
Que me vaya a otra parte, y que m'acoja
De los sueños en q̃ando, juzgue, escoja,
Ya verguença es tarda tan luengamẽte.
Gran fuerça se m'ha hecho alos mis ojos,
Grande al entendimiento, andando assi
De veras occupado en mis antojos.
No se lo que me vi, ni que no vi,
Quien puso tal sabor en mis enojos?
A pesar (ques peor) tanto de mi.

DOM MANOEL DE PORTVGAL, A FRANCISCO de Sà, mandandolhe hũa Ecgloga.

SONETO.

Ocm às vezes ſer mais eſtimadas
As pallidas eſpigas, puramente
Offrecidas, que o ouro reluzente
Deſcuberto por veas ſoterradas.
Por iſſo ante vos vão confiadas
(Rariſsimo Franciſco, & excellente)
A rudeza d'eſtillo differente,
E as incultas eſtanças deſornadas.
O que brotou de ſi a natureza,
D'arte nem d'artificio ajudada,
Colhido ſem fazão ſenhor offreço.
A vontade de vos ſeja eſtimada,
Qu'em tão baixo tempo, em q̃ pureza
Em q̃ obras não ha, deue ter preço.

Reposta

REPOSTA DE FRANCISCO de Sâ, pellos meſmos conſoantes, como fez o Petrarcha.

SONETO.

Antas merces tão deſacoſtumadas,
Como as ſeruirey eu deuidamente?
Farei como ja fez hũ innocente,
Hum ruſtico paſtor d'antre as manadas:
Que d'agoa offreceo em maõs lauadas
A Xerxes: bebeo elle, & ſanctamente
Iurou, que não bebera tè o preſente
Cõ tal ſabor, por copas d'ouro obradas.
Senhor dom Manoel, ſe a ſó clareza
D'um peito aberto, puro, & fé lauada,
Muito merece, muito vos mereço.
A pedraria vãmente eſtimada,
Os ricos cryſtallinos de Veneza,
Lá ſ'achão, eu ós meus palmos me meço.

Soneto.

SONETO.

Alma que fica por fazer desdoje
Na vida mais se a vã minha esperança
Que sempre sigo, que me sempre foge,
Ia quanto a vista alcança a não alcança?
Fortuna que fará? roube, despoje,
Prometa doutra parte em abastança,
Que tem cõ que m' alegre, ou com q̃ anoje?
Tanto tempo ha que dei mão á balança.
Chorei dias & noites, chorey annos,
E fui ouuido ao longe, pello escuro
Gritando, acrecẽtar muito em meus dãnos.
Agora que farey? por amor juro
De tornar a cantar fora dengano,
E por muito do mal, posto em seguro.

Soneto.

SONETO.

AQuella fee tão clara & verdadeira,
A vontade tão limpa, & tão sem magoa,
Tantas vezes prouada em viua fragoa
De fogo, hi apurada, & sempre inteira:
Aquella confiança de maneira
Qu'encheo de fogo o peito, os olhos d'agoa,
Porqu'eu ledo passei por tanta magoa,
Culpa primeira minha, & derradeira.
De que me aproueitou? não de al por certo
Que d'um soo nome tão leue & tão vão,
Custoso ao rosto, tão custoso â vida.
Dei de mĩ que fallar ao longe, & ao perto,
Ria, assi se consola a alma perdida,
Se não achar piedade, ache perdão.

Soneto.

SONETO.

Quien darà a los mis ojos vna fuente
De lagrimas, que manen noche y dia?
Respirarà siquiera esta alma mia,
Llorando ora el passado, ora el presente.
Quien me darà apartado dela gente
Sospiros, qu'enla mi luenga agonia
Me valgan, qu'el afan tanto encubria,
Siguioseme despues tanto accidente?
Quien me dara palabras con que iguale
A tanto agrauio, quanto amor m'ha hecho?
Pues que tan poco el suffrimiento vale?
Quien m'abrira por medio este mi pecho,
Do yaze tanto mal? donde no sale
A tanta cuita mia, y mi despecho?

Soneto.

SONETO.

DEl Tybre embuelto, al nueſtro Ta
jo vfano,
De ſus arenas de oro, y rica praya,
Todo lo enchi de lagrimas, q̃ vaya
Dando al mundo ſeñal del dolor vano.
Fragua, no coraçon, no pecho humano;
Quantas de torres, quanta de atalaya
Alçaes cad'hora, a fin que todo caya,
Por tierra, y metan todo a ſaco mano.
Que Siſipho quereis mas embebido
En ſus trabajos, y loca perfia?
Eislo arribado al monte, eislo boluido.
Noches tras noches van, dia tras dia,
No pido a amor piedad, conſejo pido,
Mandame loquear como ſolia.

Soneto.

SONETO.

EM tormentos crueis tal ſofrimento,
Em taõ continua dor, que nunca aliua,
Chamar a morte ſempre, & que ella altiua
Seria dos meus rogos no tormento:
E ver no mal que todo entendimento
Naturalmente foge, & quanto auiua
A dor mais, o vagar da alma catiua,
A quem naõ fará crer qu'he tudo hũ vento?
Bem ſey hũs olhos que tem toda a culpa,
E ſam os meus, que a toda a parte vem
Apos o que vem ſempre, & os deſculpa.
Oo minhas viſoẽs altas, meu ſò bem,
Quem vos a vos nao vè, eſſe me culpa,
E eu ſou o ſò q̃ as vejo, outrem ninguem.

SONETO.

DEsarrezoado amor, dentro em meu peito
Tem guerra com a razão, amor que jaz
Hi ja de muitos dias, manda & faz
Tudo o que quer, a torto & a direito.
Não espera razões, tudo he despeito,
Tudo soberba & força, faz, desfaz,
Sem respeito nenhum, & quando em paz
Cuidaes que sois, então tudo he desfeito.
Doutra parte a razão tempos espia,
Espia occasiões de tarde em tarde,
Que ajunta o tempo: emfim vem o seu dia,
Então não tem lugar certo onde aguarde,
Amor trata treições, que não confia
Nem dos seus, que farei quando tudo arde?

SONETO.

Quellas esperanças, q̃ eu metido
A tormento, lancei fora por vãs,
Que fazẽ ind'áqui? coas mais sãs
Cõtas, feito em pó ja tudo & bebido?

Como, & será tão cego, & sem sentido
Amor, que hũas razões claras, taõ chãs,
Naõ ouça? & que naõ veja tantas cãs?
Tempo lançado a longe, & nam viuido.

Esta alma tantas vezes enganada,
Nam tornarà por si? naõ fara conta
Co sol, coa despesa, coa jornada?

Quem do mar escapou quanto mal conta!
Que perigos sem fim! & logo brada
Outra vez ós da nao: na terra afronta.

SONETO.

AMor que não farâ? fezme engeitar
Tão leuemente a mĩ por quem me engeita,
Caſtellos de eſperanças & ſoſpeita
Faz, & não ſei que faz, tudo no ar;
Fezme pedras colher, fezmas lançar,
Apertaſe a alma triſte em ſi encolheita,
Aa força que farà, & lei eſtreita?
Queira ou não queira, em fim ha de paſſar.
Tão cego & tanto era eu, que da vontade
Tudo fiei? que tudo a traues guia,
Tão grande imiga minha, & da verdade?
Que al ſe podia eſperar de hũa tal guia?
Cahi onde ora jaço, ô crueldade
Não ſei quando he de noute, ou quando he dia.

SONETO.

AQuella apresurada y rueda biua
De sobresaltos, que mudã tan presto
Tantas vezes cad'hora este mi gesto,
Nunca la voluntad, tanto ha catiua:
Esta llama cruel, la pena esquiua,
Que no reposa sol nacido y puesto,
Señal de como os veo manifiesto,
Turbada siempre, desdeñosa, y altiua.
Si no me dexan (como digo) el dia,
Y no la noche, antes m'es tormento,
Y agora crueldad, que culpa mia?
El tiempo passa en vano, ha hecho asiento,
En mi alma abrasada, y luego fria,
Tal ser, qu'es menos ser cada momento.

SONETO.

Em Ecco, & em Dialogo.

Abe vma fuente a boz alta ſin tino,
Se quexa el buen Salicio, atormentado
D'vn mas q̃ nueuo amor, vano cuidado
A tal remedio de ſus males vino.
Amor que nunca va por buen camino,
Yua bolando por el deſpoblado,
O fueſſe el llanto que deſpedaçado
Del monte, reſpondia alto y vezino.

Sal. *Quien dio principio a mis cordojos?* A. *ojos*
Sal. *Cierto crueles, y a mi deſtierro?* A. *yerro.*
Sal. *Deſſeos a que fin lleuanos,* A. *vanos.*
Sal. *A lagrimas y enojos:* A. *mas enojos,*
Sal. *Pues que remedio a tanto de yerro?* A. *hierro.*
Sal. *Que muera aſſi a mis manos?* A. *y a mis manos.*

SONETO.

Nam sei qu' em vos mais vejo; não sei que
Mais ouço, & sinto; ao rir vosso, & fallar:
Não sei qu' entendo mais, tè no calar,
Nem quando vo snão vejo a alma que vé;
Que lhe aparece em qual parte qu'estè,
O lhe o ceo, olhe a terra, ou olhe o mar,
E triste aquelle vosso sospirar,
Em que tanto mais vay, que direy qu'he?
Em verdade não sey: nem isto qu'anda
Antre nos: ou se he ar como parece,
Se fogo doutra sorte, & doutra ley,
Em que ando, & de que viuo, & nunca abranda:
Por ventura que à vista resplandece;
Ora o que eu sey tão mal, como o direy?

SONETO.

Em Dialogo, de duas Nymphas. Nisa.

V'es esto Philis, qu'estas tan turbada,
Sola, demudada, y sin color?
Cab'esta fuente tanto ruyseñor,
Y tanta otra auezilla enamorada?
Si lo que vees, y que oyes no te agrada,
Que te puede agradar, ni dar sabor?
Vees tanta differencia, y tanta flor,
De que la tierra està como esmaltada?

Philis. *Oo Nisa, Nisa, leda, y desseosa*
De caçar, vine a la fresca ribera,
Todo oluidè por esta fuente hermosa.
No soy la Nisa no que dantes era,
Salteome aqui vn cuidado, ah flaca cosa
La vida, muy ayna aqui muriera.

A LA MVERTE DE Leandro,

SONETO.

ENtre Sesto y Abydo, al mar estrecho,
Lidiando con las ondas sin sosiego,
Noch'alta el buen Leandro prueua el fuego,
Y lagrimas que corren sin prouecho.
Viendo qu'es todo en vano, buelue el pecho
De nueuo a aquel mar brauo, ojos al fuego
Que luze enl'alta torre, ay amor ciego,
Que tãta crueldad has visto, y has hecho.
Nadaua mientras pudo hazia la playa
De Sesto, deseado, y dulce puerto,
Porque siquiera alli muriendo caya.
En fin ondas venceis (dixo cubierto
Ya dellas,) mas no hareis que alla no vaya,
Biuo no quereis vos, mas ire muerto.

A MORTE DE POLICENA.

SONETO.

Rayda en sacrificio Policena
Al sepulchro de Achiles, ya que vido
De Pyrrho el cruel braço erguido.
Por la ferir, boluio toda serena:
Diziendo descansada, A quanta pena
Pornas fin luego, ô golpe bien venido,
Dexando el cuerpo frio aqui tendido
Cabe Troya, su nombre solo apena.
Y luego la Real cara animosa
Boluiendo a todos, mas clara qu'el dia,
Aun desse cuerpo despues receloſa;
Trocadme a lloros dela madre mia
(Les dixo) que ya no le queda otra cosa,
Y qu'a oro nos remio quando podia.

SONETO.

H que dire qu'es esto? qu' ansi engaña
Tan dulcemente en lo que tanto duele?
En contrario del todo alo que suele
D'acontecer, en lo que offende, y daña.
Vemos (y es cosa clara) que s'enseña
Quanto se mueu'en tierra, y al ayre buele,
Vna vez engañado, y que se vele,
Nunca seguro, o del caso, o de maña.
Ora este coraçon tan offendido,
Tantas vezes llegado a la su muerte,
Como lo pone aisi todo en oluido?
Quanto al hado se dio! quanto a la suerte!
Quan poco a la razon, poco al sentido!
Por verte soy yo tal, y bueluo a verte?

SONETO.

Sol he grande, caem coa calma
as aues,
Do tempo em tal sazão, que soe
ser fria:
Esta agoa que dalto cae acordar
m'hia?
Do sono não, mas de cuidados graues.
O couſas todas vãs, todas mudaues!
Qual he tal coraçam qu' em vos confia?
Passão os tempos, vae dia tras dia,
Incertos muito mais que ao vento as naues.
Eu vira ja aqui sombras, vira flores,
Vi tantas agoas, vi tanta verdura,
As aues todas cantauão d'amores.
Tudo he seco, & mudo, & de mestura,
Tambem mudandom'eu fiz doutras cores,
E tudo o mais renoua, isto he sem cura.

Soneto.

SONETO.

Quando eu senhora em vos os olhos ponho,
E vejo o que não vi nunca, nem cri
Que ouuesse cà, recolhese a alma a si,
E vou tresualiando como em sonho.

Isto passado, quando me desponho,
E me quero afirmar se foi assi,
Pasmado, & duuidoso do que vi,
M'espanto às vezes, outras m'auergonho.

Que tornando ante vos senhora tal,
Quando m'era mister tant' outr' ajuda,
De que me valerei, se alma não val?

Esperando por ella que me acuda,
E não me acode, & está cuidando em al,
Afronta o coração, a lingua he muda.

Soneto.

SONETO.

AMor tirando va por cielo y tierra,
Mil flechas d'oro, mil de plomo elado:
Ha muerto, ha mal herido, ha lastimado
A muchos, y (dize el) de buena guerra.
Ojos ya no tenia, oydos cierra,
Las malas manos, estas le han quedado,
Duro flechero, al mal tanto auezado,
Tirando a caso, que nunca el golpe yerra.
Dizele la su madre, de las quexas
Quantas oygo de ti (burlando vn dia)
Mal burlador, no quieres que algo crea?
Besola el en los ojos, y madexas
De oro, respondiendo, ò madre mia,
Como quieres si soy ciego que vea?

Soneto.

SONETO.

ADo se boluerà, que no se espante
De nueuo esta alma mia lastimada?
A la presente cuita? o a la passada?
O que esperança me lleua adelante?
Que me aprouecha que llore o que cante?
Que grite noche y dia, en fin, que es? nada:
Ir porfiando por la via errada,
Antes es vanidad, que ser constante.
No fuera mucho descuidarme vn poco,
Mas ir perdiendo el dia pieça a pieça,
Que esfria, y sobreuiene noche escura.
En fin para qu's mas? cierto soy loco,
De quien confiare la mi cabeça,
Que me la cure de clara locura?

DE

DE PERO DANDRADE,
QVE LHE MANDOV com hũa Ecgloga.

SONETO.

Am ousarão ategora aparecer
Estes versos, de si desconfiados,
Porque de mal compostos, & ordenados,
Assaz tem porque deuão de temer.
Vaõvos pedir senhor que os queiraes ver,
E riscar, & emendar, porqu'emendados
Por vos, possam andar mais confiados,
Do que por meus poderão merecer.
Vay hi Androgeo triste, & vay Serrano,
Queixase este presente, aquelle ausente,
Nõ Mondego, por vos ja celebrado.
Queixãose Nymphas delle, aqui do dãno
Que por Syluia se vè nelle: & se sente,
Triste, della & de vos desemparado.

Reposta

REPOSTA DE FRANCISCO de Sâ, pellos meſmos conſoantes, como fez o Petrarcha.

SONETO.

ASSI que me mandaueis atreuer
A verſos ja das Muſas aſſellados;
E âquella grande Syluia conſagrados,
Icaro me poem medo, & Lucifer!
Os meus, ſe nunca acabo de os lamber,
Como vſſa os filhos mal proporcionados,
(Ah paſſatempos vãos, ah vãos cuidados)
A quem poſſo porem niſſo offender?
Tudo cabe no tempo, entrego ao anno,
Depois â perda, digame eſta gente,
Qual anda o furioſo aſſi emendado.—
Torno âs couſas ſagradas: que hum profano
Leigo, como eu, tocalas tão ſomente
Não he de ſiſo ſam, mas de abalado.

CARTA

CARTA I

A el Rei dom Ioão nosso senhor.

REi de muitos Reis, se hum dia,
Se hũa hora sò, mal me atreuo
Occuparuos, mal faria,
E ao bem comum não teria
O respeito que ter deuo.
Que em outras partes da Esphera,
Em outros ceos differentes,
Que Deos tègora escondera,
Cada hũa de tantas gentes
Vossos despachos espera.
Porque senhor elles sós
(Iusto & poderoso Rey)
Desdão, ou lhe cortão noos,
Como tambem entre nòs,
Que sois nossa viua ley.
Onde ha homẽs ha cobiça,
Ca, & là tudo ella empeça,
Sea sancta igual justiça,
Não corta, ou não desempeça,
O que a ma malicia enliça.

Senhor qu'he muito atreuida,
E onde ella nós cegos deu
Cortar he çousa deuida,
Exemplo o jugo de Myda,
Qu'el Rei vosso auò fez seu.
Ora eu que respeito auendo
Ao tempo mais qu' ao estyllo,
Irei fugindo ao que entendo,
Farei como os caẽs do Nylo
Que correm, & vaõ bebendo.
A dignidade Real
Que tem o mundo a direito,
Sem ella terschia mal,
He sagrada, he natural,
Deixemos medo & proueito.
As vossas vellas que vam
Dando quasi ao mundo volta,
Raramente contarão
Gente de algum Rey solta,
Sem cabeça, o corpo he vão.
Dignidade alta & suprema
Quẽ ha que a não reconheça?
Vioſe em Marco Antonio tema
De a Cesar pór diadema
Real sobre a cabeça,

Que o nome de Emperador
D'antes a Cesar se dera,
Sem sospeita, & sem temor,
Qu'inda então muito mais era
Ser Consul, ser Dictador.
Hum Rei ao reino conuem,
Vemos que alumia o mundo
Hum sol, hum Deos o sostem,
Certa a queda, & a fim tem
O reino onde ha Rei segundo.
Nam a sabor das orelhas
Arenga cudada & branda,
Abaltem as razões velhas,
A cabeça os membros manda,
Seu Rei seguem as abelhas.
A seu tempo o Rey perdoa,
A tempo o ferro he mezinha,
Grandeza, & condição boa
Ao Liam deraõ coroa
Entre a gente montesinha.
As aues (tamanho bando,
Doutra liga, & doutra ley)
Por vencer todas voando,
A aguia foi dada por Rey,
Que o sol claro atura olhando.

Quanto que sempre guardou
Dauid lealdade, & fee
A Saul! quanto o chorou?
Quantas maldições lançou
Aos montes de Gelboé?
Onde cahira o escudo
Do seu Rey, inda que imigo,
Inda que ja mal sesudo;
Saindo de tal perigo,
E sobindo a mandar tudo.
O senhor da natureza,
De que o ceo & a terra he chea,
Vestido em nossa baixeza,
De Real sangue se preza,
Por Rey na cruz se nomea.
Sobre obrigações tamanhas
Velemse com tudo os Reis
Dos rostos falsos, & manhas,
Com que lhes fazem das leis
Fracas teas das aranhas.
Que se não pode fazer
Por arte, por força, ou graça,
Saluo o que a justiça quer.
Senhor não chamão poder
Saluo o que lhes val na praça.

E por muito que os Reis olhem
Vaõ por fora mil inchaços,
Que ante vos senhor se encolhẽ,
D'hũs gigantes de cem braços,
Com que dão, & com que tolhẽ.

Quem graça ante o Rei alcança,
E hi falla o que nam deue,
(Mal grande de má priuança)
Peçonha na fonte lança
De que toda a terra bebe.

Quem joga onde engano vae
Em vão corre, & torna atras,
Em vão sobre a face cae,
Mal ajão as graças mas,
De que tanto engano sae.

Homem d'hum sò parecer,
D'hum sò rosto, & d'hũa fè,
D'antes quebrar, que voluer,
Outra cousa pode ser,
Mas de Corte homem não hé.

Ouço gracejar de ca,
De quem vae inteiro, & sam,
Nem se contrafaz mais la,
Como este vem aldeão,
Que não sabe onde s'está.

As publicas santidades,
Estes rostos trasportados,
Naõ em ermos mas cidades,
Para Deos sam vaydades,
Para nos vaõ rebuçados.
Mas despois que lhes fazemos?
Pode ser, pode nam ser,
Adiante o saberemos,
Estamos hum pouco a ver,
Caelhes o rebuço, & vemos.
Senhor eyuos de fallar
(Vossa mansidam m'esforça)
Claro o que posso alcançar,
Andaõ pera vos tomar
Por manha, que não por força.
Per minas trazem suas hazes,
Encubertos seus assanhos,
Falsas guerras, falsas pazes,
De fora sam mansos agnos,
De dentro lobos robazes.
Tudo sua cura tem,
Que he assi bem o sabeis,
E o remedio tambem,
Quereilos conhecer bem,
No fruito os conhecereis.

Obras, que palauras não,
Porem senhor somos muitos,
E entre tanta obrigaçam
Tresmalhamos vos os fruitos,
Que não saibaes cujos sam.
Hum que por outro se vende
Lança a pedra, & a mão escõde,
O danno longe se estende,
Aquelle a quem doe, entende,
Com sós sospiros responde.
A vida desaparece,
Entretanto geme & jaz
O que cahio, & acontece
Que de hum mal que se lhe faz,
Muito mais se lhe recrece.
Pena & galardam igual
O mundo em peso sostem,
He hũa regra geeral,
A pena se deue ao mal,
O galardam ao bem.
Se algũa ora acontece o
Na paz, muito mais na guerra,
Que a balança mais pendeo,
Faz se engano ás leis da terra,
Nunca se fez ás do ceo.

Antre os Lombardos auia
Lei escrita, & lei vsada,
Como inda oje parecia,
Onde a proua falecia
Que o prouasse a espada.
Ali no campo às singellas,
Em fim morrer, ou vencer,
Fosse qual quisesse dellas;
Não era milhor morrer
A ferro, que de cautellas?

A hum nosso Rey excellente
Dom Dinis tão acabado,
Tão justo, a Deos tão temente,
Falsa, & maliciosamente
Foi grande aleiue affacado.
Elle posto em tal perigo,
Rey que Reys fez & desfez,
Co as manhas do falso imigo,
Foi lhe forçado essa fez
Aa lei chamarse que digo.
E ás villas, & ás cidades,
A que cumprio d'acudir
Pellas suas lealdades;
Tanto sam más as verdades
Aas vezes de descubrir.

Da meſma caſa Real
Em verdade hũ grande Iffante
Tratado por manhas mal,
Bradaua por campo igual,
E imigos claros diante.
Em fim vendo a aſtucia & arte
Quanto que pode, chamou
Hum leal conde â de parte,
Sò com elle ſe apartou,
Foi viuer à milhor parte.
Onde tudo he certo & claro,
Onde ſam ſempre hũas leis,
Principe no mundo raro,
Sobre tanto deſemparo
Foraõ tres ſeus filhos Reis.
Oo ſenhor quantos ſuores
Sua o corpo, & a alma em vam,
Em poder de enuoluedores,
E em fim batalhas que ſam
Saluo hũs deſafios mòres?
Coa mão ſobre hum ouuido
Ouuia Alexandre as partes,
Como quem tinha entendido
Por fazer certo o fingido
Quantas que ſe buſcão d'artes.

Guardaua elle aquelle inteiro,
Para a parte não ouuida,
Não vi nada em ser primeiro,
Quem muito sabe duuida,
Sò Deos he o verdadeiro.
A tudo dão nouas cores,
Enuoluendo os peitos puros,
E falão sempre em primores,
Ante os Reis vossos senhores
Vindes com rostos seguros,
Contaes, gabaes, estendeis
Seruiços, & lealdade.
Olhae que a nam daneis,
Falai em tudo verdade
A quem em tudo a deueis.
Senhor nosso padre Adam
Peccára, chamao o juyz,
Tenha que dizer ou não,
Hi sua fraca razam
Porem liuremente diz.
Sempre foi, sempre ha de ser,
Onde hũa só parte falla,
Sempr'a outra aja de gemer,
Se hum jogo todos iguala,
As leis que deuem fazer?

Vidas & honras tomaes
Debaixo de vosso emparo,
De estranhos, & naturais,
Suspiraõ, nam podem mais,
E ás vezes isto mal claro.
Tambem tras aquella arde
Tão estimada a fazenda,
Por mais que se velle & guarde,
Tem ella milhor emenda,
Se naõ fosse mal & tarde.
Geralmente he prefumptuosa
Espanha, & disso se preza,
Gente ousada, & bellicosa,
Culpaõna de cobiçosa,
Tudo sabe vossa alteza.
Pensamentos nunca cheos,
Nam tem fundo aquelles sacos,
Ainda mal, com tantos meos,
Para viuer dos mais fracos,
E dos suores alheos.
Que eu vejo nos pouoados
Muitos dos salteadores,
Com nome & rosto d'honrados,
Vão quentes, andam forrados
De peles de lauradores.

E senhor não me creaes
Se as não achão mais finas
Que as dos lobos ceruaes,
Que arminhos, & zebelinas
Custão menos, cobrem mais.
Ah senhor que vos direy?
Que acode mais véto ás velas,
Nunca se descuyde o Rey,
Que inda não he feita a ley,
Ia se lhe buscão cautellas.
Então tristes das molheres,
Tristes dos orfaõs coitados,
E a pobreza dos mesteres,
Que nem fallar sam ousados
Diante os mòres poderes.
Os quaes quem os assi quer,
Quem os negocea assi,
Que fara desque os ouuer?
Nossos ouuerão de ser,
Buscarãonos para si.
Senhor esta vossa vara
Como ás maõs em qu' anda he,
A boa he aue muirara,
Crede qu'sta nunca he cara,
Que seja muita a merce.

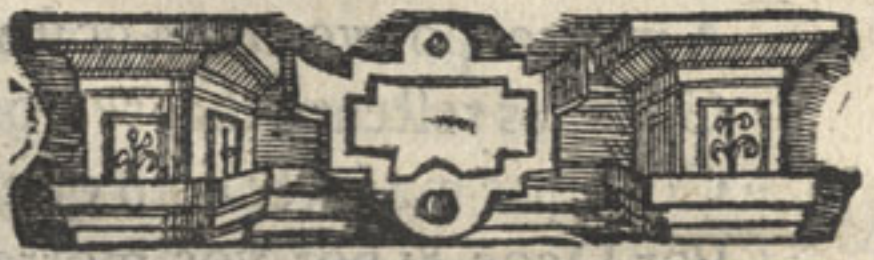
Liure de toda a cobiça,
A Deos temente, & a vos,
Sem reſpeitos, ſem perguiça,
Varas direitas, ſem noos,
Se quereis que aja hi juſtiça.
Tomae ſenhor o conſelho
Do bom Ietro ao genro amigo,
He verdade, he Euangelho,
Como diſſe aquelle velho
Humilmente aſsi vos digo.
Qu'eſtas leis Iuſtinianas
Se não ha quem as bem reja
Fora de paixões humanas,
São hum campo de peleja,
Com razões fracas & vfanas.
Morre o nobre Conradino,
Co parceiro em todo igual,
Cada hum de tal morte indigno
Porque o duro ou o maligno
Doutor interpreta mal.
Diz Agoſtinho ſãmente,
Ceſſe o ſangue, a guerra finda,
Diz mais, d'algũs mayormente,
Vem groſas que corra ainda
O Real ſangue innocente.

Mas senhor milhor o temos,
Sendo vos o que mandais
Todos nos reuolueremos,
Os que tanto não podemos,
E aquelles que podem mais.
Quem por amor se encadea,
Naõ he nome errado, ou nouo,
Se por liure se nomea,
Naõ tem tanto amor de pouo
Rei em quanto o mar rodea.
Naõ assoberbaõ soldados
Aqui, nem soa atambor,
Os outros Reis seus estados
Guardam de armas rodeados,
Vos rodeado de amor.
Acharnoshaõ as diuinas
No meo dos coraçõees,
Esculpidas vossas quinas,
Estas sam as guarniçõees
De vos, & dos vossos dinas.
He sem duuida o Frances
A seu Rey de amor aceso,
Naõ lho nega o Portugues,
Traz porem guarda Escocez,
Que naõ he de pouco peso.

O Padre ſancto aſsi faz,
A quem certo ſe deuia
Alto aſſoſſego, alta paz,
E tem guardas toda via
Com que vay ſeguro, & jaz.
Que ſe pode ir mais auante,
Cos olhos, nem co ſentido?
Sem ferro, & fogo qu'eſpante,
Com duas canas diante
His amado, & his temido.
Hũs ſobre os outros corremos,
A morrer por vos com goſto,
Grandes teſtemunhas temos
Com que maõs, & com que roſto
Por Deos, & por vos morremos.
Outro ſi pera os reueſes,
(Queira Deos que nam releue)
Em vos tem os Portugueſes
Codro dos Athenienſes,
Decios, que ſò Roma teue.
Do voſſo nome hum gram Rei
Neſte reyno Luſitano,
Se poſ eſſa meſma lei,
Que diz ſeu Pellicano
Polla Ley, & polla Grey.

Mas

Mas eu sou hum guarda cabras;
Vaõse assi de ponto em ponto,
Queria sò duas palauras,
Que dos gados, & das lauras
Despois naõ tem fim nem cõto.
Assi que seja aqui a fim,
Tornem as praticas viuas,
Perdestes mea hora em mĩ
Das que chamaõ succesiuas
Estes que sabem Latim.



CARTA

CARTA

A Ioão Roiz de Sâ de Meneſes.

Os noſſos Sás Coluneſes
Gram tronco, nobre columna,
Grande ramo dos Meneſes,
Em ſangue, & bẽs de fortuna,
Qu'he tudo antre os Portugueſes.
Mas vos que ſempre vos riſtes
Do pouo que nam vè mais,
Ricamente a alma veſtiſtes,
O mais tendes por demais.
Aos grandes, aos valeroſos
Paſſados, de quem herdaſtes
Sobrenomes tam luſtroſos,
Déſque nas armas pegaſtes
Não foſtes dos ocioſos.
Podereis tambem folgar,
(Que foraõ tempos de paz,)
Podereis rir, & jugar,
Como ſe na terra faz.

Mas entrastes noutra afronta,
Hi fizestes nouo emprego,
Desejando de dar conta;
Tambem daquelle assossego,
Como de Catão se conta.
As letras que hi não achastes
Trouxestes de fora â terra,
Aa nobreza as ajuntastes,
Com quẽ dãtes tinhão guerra.
Dizem dos nossos passados
Que os mais não sabiaõ ler,
Erão bõs, erão ousados,
Eu nam louuo o não saber,
Como algũs ás graças dados.
Louuo muito os bõs costumes,
Doeme se oje não sam taes,
Mas as letras ou perfumes
Quaes no los danarão mais?
Destes mimos Indianos
Ey grã medo a Portugal
Que nos recreçam taes danos
Como os de Capua a Hanibal
Vencedor de tantos annos.
A tempestade espantosa
De Trebia, de Trasimeno,

De Canas, Capua viciosa
Venceo em tempo pequeno.
O Marques de Santilhana
Homem de braço & saber
Antre a naçam Castelhana,
Da lança sohia dizer
Co as letras que se não dana:
Est'he a quem Ioão de Mena
Fez alta coroação,
Tinh'elle ja grande pena,
Mas aparada inda não.
Dous vencedores do mundo,
Cesar, & Alexandre o grande,
Nas letras forão tè o fundo,
Em que a fortuna não mande.
Ponho aqui Bruto o segundo,
E os grandes dous Scipiões,
Fim (como dizem) fatal,
De Carthago, & dous Catões,
Podêra por Hannibal.
A fortaleza louuada
Anda em braços coa prudẽcia,
Irmã sua muito amada,
Poẽna auante a experiencia,
Tudo sẽm gouerno he nada.

Pouco por forças podemos,
Isso que he por saber veo,
Todo o mal jaz nos estremos,
O bem todo jaz no meo.
Os Poetas vão a tudo,
Buscando por alto o crauo,
Olhando pello meudo.
O seu grande Achilles brauo
Rege o Centauro sesudo.
Que lhe abrande aquella sanha
Natural sua, q̃'he muita,
Nũa coua soterranha
Tange o velho, o moço escuita.
Veados correm co vento
Em contenda, & os lões
Tem força, & atreuimento,
Tem seus brauos corações,
Nós temos entendimento.
Poronde antre nós deuemos
Estimar aquelles sòs
Que naquillo em que vencemos,
Nos vencem elles a nos.
Quando daua homẽs a terra,
O que ja tanto nam faz,
Da paz tratauam na guerra,

Tratauaõ da guerra em paz,
Em tudo jâgora s'erra.
(A departe algum abrigo)
De mal laurada, ou de fraca,
Semeaes, esperaes trigo,
Nace joyo & eruilhaca.
Diogenes claro o dia
Buscaua andando â candea
Que nunca a cabeça erguia,
Em Athenas (em que aldea),
Ia cansado assi dezia:
Voume por aqui buscando
Entre tantos homẽs hum,
Neste vam trabalho ando,
Qu'inda não achei nenhum.
Deixemos queixas antigas,
Daruos ey conta de mĩ,
Que destas vossas amigas,
(Digo as letras) pera a fim
Ajunto como as formigas,
Porque ninguem me lançasse
Como á cegarrega em rosto,
No dezembro que bailasse,
Pois cantára no Agosto.
Perdido tudo no mar,

Saindo o grã Zeno a nado,
Vendo a fazenda ondejar,
Parece q̃ assi despojado
Me mandão philosophar.
Ia vou sentido algum fruito
Cad'ora espero que creça,
Andei fora ao vento muito,
Fezme grão mal a cabeça.
Curame a Philosophia,
Que me promete saude
Doulhe a noite, doulhe o dia,
Ouço falar da virtude,
Se a visse sararmehia.
Diz Platão (quehe dos melhores)
Quem posesse os olhos nella,
Q̃ altos que acesos amores
Sempretraria comella,
Como digo, eu sò d' ouuir
Ando assi como pasmado
Desejoso de a seguir
Chorando todo opassado,
Temendo todo o por vir.
Em toda a parte ha perigos,
A cuja lembrança tremo,
Mais ao perto hũs maos imigos,

De casa, que muito temo.
Aquella mestra o assento
De viuer assi ca fora
Louua, & fazme atreuimento
D'ir auante hora por hora,
Inda qu'assi cego, & atento.
Sobre todos os doutores
Sanctos, louuão tal tençam
Pera cuidar nos amores,
Tão certos no galardam.
Em quem tanta força ouuesse
Como cumpre á vida actiua,
Qu'ós encontros se tiuesse,
Virtude er'ella mais viua,
De mais fruito & interesse.
Por Rachel que não por Lya,
Sete & sete annos scrui;
Pode ser por ella hum dia
Qu'inda voasse daqui.
Entretanto, conselheiros
Busco, q̃ andem âs verdades;
Estes liuros meus parceiros,
Não das praças, & cidades
Dos passeos nos terreiros.
Amigos de louuaminhas

Como grimpa ao vento o peito,
Fazem como as andorinhas,
Vaõ & vem co tempo feito.
Sophistas me sam defesos,
Com todas as suas cismas,
Eilos soltos, eilos presos;
De fè que naõ de sophismas
Quer Deos os peitos acesos.
Que nas agoas encharcadas
Hi se ajuntaõ como râs,
Fazem grandes matinadas,
Tudo sam palauras vãs.
As Musas me não defendem,
Deixemos as demasias,
Que a toda boa alma ofendem;
Mandaõ rir de cousas frias,
D'algũs que agudezas vendem.
Entendimentos diuersos
Com que artes vos encantam?
Psalmos que sam senão versos,
E os Hymnos q̃ a Deos se cantã?
Aquelles cantares finos,
A que Lyricos disseram
Os Gregos, & os Latinos,
Digaõme donde os ouueraõ,

Saluo

Saluo dos liuros diuinos?
Quanto que hi se limou,
Leuaõ as agoas á mão,
Sapho, Pindaro regou,
Regou seus campos Platam.
Mas o que por ora aprendo,
He ler liuros de giolhos,
Diuinos, que mal entendo,
Mas fossem dignos meus olhos
De cegar sobre elles lendo.
Que de seus mysterios altos
Assi lubrigando vejo
Que naõ sou pera taes saltos,
Porem sospiro & desejo.
Era em grande differença
Se casaria, ou se não,
Ouue de sair sentença
Que a só hũa o coraçam
A amores desse licença.
Isto dito, amor mais raro
Deu final como era alli;
Outro som do coldre claro,
Outro das frechas ouui.
Amor que estás sempre auindõ
Co aquella pura verdade,

Sejas por sempre bem vindo
Ao entregar da vontade
Qu'entrego emt' aqui sétindo.
Poem do teu fogo a esta casa
Faze quanto nella ha teu,
Que Deos he fogo que abrasa,
Seyo de hum priuado seu.

CARTA

A PERO CARVALHO.

NO lugar onde mẽ vistes
Dagoa & de montes cercado,
E doutros males que ouuistes,
Tenho mais dias contado
De ledos, que não de tristes.
Isto que hora ouuis de mim
Não sei se ouuireis dalguem,
Buscai, preguntai sem fim,
No desejado Almeirim
No farto de Santarem

Que guerra que lhe fizestes
Aa terra que me criou,
De quem tãto ás lingoas destes,
Porque? que vos acoutou
Da peste com que hi viestes.
Fostes mal agasalhados?
Certo não, que tè as fazendas
Vos dauão paruos honrados,
Pois porque? porque os priuados
Tinheis longe vossas rendas?
O qu'eu por parcialidade
Nem outro respeito digo:
Da antigua & nobre cidade
Sou natural, sou amigo,
Sou porem mais da verdade.
Como vos partistes d'hi,
Logo abrigados achei
Onde me desencolhi,
Seguramente dormi,
Seguramente veley.
Cidade rica do santo
Corpo do seu Rei primeiro,
Qu'inda vimos com espanto
Ha tão pouco, todo inteiro
Dos annos que podem tanto.

Rei á quem Deos se mostrou,
Rei que tantos Reis venceo,
Rei que taes Reis nos deixou,
O bom filho hi se lançou,
Que tè Seuilha correo.
Outro Rey nosso sem mal
A que empeceo a bondade,
O quarto de Portugal,
Qual teue elle outra cidade
Que lhe fosse taõ leal?
Qual a sua fè saluou
Por tanto trabalho & medo?
Em fim nunca se entregou,
Primeiro as chaues mandou
Ao seu Rei morto em Toledo.
Mas tornando ao abrigado,
Em que me furtei aos ventos,
Hi depois de em mĩ tornado
Que rir, que esmorecimentos
De tempo taõ mal gastado!
E o fogo que ora se acende,
A prestеza das mudanças,
Mal que mui longe s'estende,
A a vida curta defende
Tomar longas esperanças.

Giges

Gages na sua abastança
Que de toda parte ajunta,
Cudando em tanta possança,
Inchado a Apollo, pregunta
Polla bemauenturança.
Tal fumo Apollo entendendo,
Pos auante ao seu estado
Aglao, que só pastor sendo,
Hia cantando & tangendo,
Olhos sòmente ao seu gado.
Oo ricos, qu'esta riqueza
Estâ no contentamento;
Mais tem quẽ mais a despreza,
Naõ foge o rico auarento
Por mais que fuja, á pobreza.
Onde pode mais caber
Sinal he que fica hi vaõ
Que se pode mal encher,
E os corações hão de ser
Ricos, que os cofres não.
Por faminto que venhaes,
Morto com sede, ou com frio,
Do fogo onde quer achais,
Vay muita agoa pollo rio,
A terra da que comais.

Quẽ

Quem a apetitos da crença
Hũa mão toma, outra pede,
Nunca espereis que se vença,
Sinal d'hũa má doença
Quanto mais agoa mais sede.
Cobiça a da boca aberra,
Isto que te assi parece
E tras que andas tanto álerta,
Luz de fora, & resplandece,
Dentro nam ha cousa certa.
O juyzo & razaõ ata,
Tudo fica escuro, & em erro,
Aas leis & a Deos desacata,
Do brando ouro, & da prata
Faz duras prisões de ferro.
Esta entrada em nossos peitos,
Fez nelles estragos taes,
Qu'ermos fazem & desfeitos
Abertos por mil portaes
A qualquer rumor sogeitos.
Que naõ fará? quem trocar
Nos fez a paz pella guerra?
Faz hũs a outros matar,
Passou de viuenda ao mar
Homẽs naturaes da terra.

Escrauos mais que os escrauos,
Por razam, & por justiça,
Deixai uos de vossos gauos,
Que vos vendeo a cobiça
A mar brauo, & a ventos brauos.
Espritus vindos do ceo
Postos aos lanços na praça,
Com que nadas vos venceo!
Porque nadas vos vendeo!
Milhor fora antes de graça.
Metaes de tão baixa liga
Que nos na terra escondera
Natureza, mãe & amiga,
E antre nos & elles posera
Tanto trabalho & fadiga.
Assi mayor apetito
(Disseraõ cobiça & enueja,)
Em fim seu feito seu dito,
Para al criado o sprito
Isto sò sonha & deseja.
E porem que sam engano,
(Que mais hũa mãe fizera?)
Afastauanos o danno
Aos filhos que a vida dera
Deste amor aceso humano.

Mas que pode aproueitar
Se lhe fazemos tal guerra
Co contino trasfegar,
Ora reuoluendo o mar,
Ora reuoluendo a terra?
Nas minas altas que digo,
Reuolta a terra tè o centro,
Que faz o homem imigo
Do seu descanso, la dentro,
Com tal trabalho, & perigo?
Debaixo da terra fria,
Aja vergonha a razão,
Aja a alma que mais deuia:
Que deixão atras o dia.
Polla noite auante vam.
Não tem termo homẽs ousando
Do seu siso ao desemparo,
Tudo forão apalpando,
Por este ar taõ solto & raro,
Ouue quem fosse voando.
Gente que não teme nada,
Com tudo se desafia,
Por mares sem fundos nada,
Passou a Zona torrada,
Anda por passar a fria.

Não he para tanto a vida
Quanto milhor escolheo
Quem na dorna ao sol voluida
Viueo mais rico & morreo
Que Cressо, q̃ Crassо, & Mida.
Fugia Crates ao ouro
Como hum couarde ao ferro,
E ás cousas de mao agouro;
Lançou ao mar grão thesouro,
Quem fará agora tal erro?
Por força a cidade auida
Que responde a seu imigo,
Bias, a que fica a vida?
Tudo o meu leuo comigo;
Fica a fortuna corrida.
Aos d' Esparta naturaes
Responde Apollo a seu rogo,
Se a liberdade estimaes
Velaiuos deste ouro mais
Que do ferro, nem do fogo.
Do grande Epiteto, o nobre
Spirito, o foo liure & franco
Num corpo coitado, & pobre
Escrauo, & ainda manco,
Quanta da bastança encobre!

Da sua fraca casinha
Ledo sae, ledo a ella torna,
O mesmo que hia, esse vinha,
Casa que porta não tinha,
Que mais montaua que dorna?
Iesu Christo busca obreiros,
Não os quer espedaçados,
Quer os seus de todo inteiros,
Dos corações alugados,
Poucos saõ os verdadeiros.
Gente de vontade dura,
(diz elle) que não andaes
Em quanto esta luz vos dura?
Não vos tome a noite escura
Antes que vos acolhais.
Não seria, eu isto vendo,
De juyzo, & razão faã,
Andarme o dia perdendo,
Comecei ante menhaã
(Não sei que andaua fazendo.)
Hiame enjoado asi,
Ao tom peronde os mais andão,
Olhe cada hum por si,
Que estes bẽs falsos daqui
Se não saõ mandados, mandão.

Os deſejos ſaõ ſem termo,
A eſperança he ſaborosa,
Eu contenteime deite ermo,
Pola razaõ da rapoſa
Que deu ao Liaõ, enfermo.
Meu Rey, meu ſenhor Liaõ.
Olho ca, & ólho lá,
Vejo pegadas no chaõ,
Que todas para la vaõ,
Nenhũa vem pera ca.
Eſta Circes feiticeira,
Todos os peitos traſanda,
Eſte faz onça ligeira,
Lobo outro, qu' a carniça anda,
Outro caõ que empraza, & cheira.
Algũs papagayos vaõ,
Outr' vſſo direito empee,
Cad'hum de ſua feiçaõ,
Outro gatinho ermitaõ,
Deſtes que vem de Guiné.
Vou co penſamento, & venho,
Deuo ao meu medo muito,
Por quem aſsi me ſoſtenho,
Pello que vi, & que eſcuito,
Niſſo que tenho, aſſaz tenho.

Do com que folgo outros rim,
Cad' hum terá sua escusa,
Deuos ja mutas por mim,
E estas cousas saõ emfim
Como dellas homem vsa.
Sejaõ razoẽs poderosas,
Olhai que o ferro se deu
Para cousas proueitosas,
Despois este meu, & teu,
Fez delle armas tão danosas.
O fogo que nos foi dado
As tantas necessidades,
Não quis que fosse apreçado,
Fará & fez no passado
Em poo ja muitas cidades.
Deste engenho que diremos
De que nòs taes gabos damos?
Com quem tudo acometemos,
Quantas vezes de elle vsamos
Mal, & como não deuemos?
Dom do Ceo nosso special,
E veo a ser toda via
Este homem racional
Tão engenhoso em seu mal,
Como ontem na artilharia!

A tantos & tantos males,
Que remedio, se acontecem?
Diz saõ Paulo, Homẽs errados
Se os odios antre vos crecem,
Comeruos eis a bocados.
O nome da ociosidade
Soa mal, á boa & saã,
(E mais ja sobre a idade),
Socrates da Liberdade
Lhe chamaua sempre irmaã.
Douuos Ennio por autor,
Quem vsar não sabe do ocio
Cansa, & anda d'arredor,
E vem a ter mais negocio
Que hum grande negociador.
Porque este sabe apos que anda,
A quelle a si não se entende,
Quanto anda, tanto desanda,
Não se obedece nem manda,
Ora se apaga, ora acende.
Velo ir, velo tornar,
Velo cansar & gemer,
E em busca de si andar,
Cobrar a cor & perder
Que se não pode topar.

Mas eu porque passa assi
Que seja muito, direi
Dias ha que me escondi,
Co que li, co que escreui,
Inda me nao enfadei.

CARTA

A seu Irmão Mem de Saâ.

M quanto de hũa esperança
Em outra esperança andaes,
Fazeruos quero lembrança
Como he leue, & não se alcança,
Que sempre adiante he mais.
Cuidaes que soes ja com ella,
Quando volo mais parece
E quereis lançar maõ della,
Mete remos, mete vella,
Vai rindo, & desaparece.
Mas não sofre o coração
Soltalla assi leuemente,
Tamanha deleitação
Ah, que a tinha na maõ
Se fora mais diligente.

Dos Alquimiſtas ſe diz
Deſpeſa he fadiga vaã
Cobiça he cego juiz
Deixai que ſe oje o naõ fiz
Falocy logo amenhaã.
Não lhes val ver a fazenda
Ir apos as eſperiencias,
Andão de emenda em emenda,
Da fornalha para atenda,
D' aſſoprar fazem ſciencias.
Aperfiou, & cahio
Phaeton do carro do dia,
Que ao pay por ſeu mal pedio,
Sentio a terra, ſentio
Hum rio da Lombardia.
Não ſoube Icaro reger
As aſas que ouue de ſeu,
Subindo, veo a decer,
Aos peixes deu de comer
E ao mar nouo nome deu.
Apos o que ha de cair
Por aleuantar andamos,
Que nos não deixa dormir
A alma que pode ſobir
A eſta as aſas quebramos.

Em quanto hum busca seus danos,
E outro ja té os olhos jaz,
Por muitas sortes d' enganos,
Morte que naõ conta os annos,
Vem, & leua o que lhe apraz.
Quantos a que era deuida
Dos nossos (deixo os alheos)
Ao menos mais longa vida,
Que por conta não sabida,
Tinhão perto os dias cheos.
Vistes hũa claridade
Que de ca, té lá correo
Como rayo? em tal idade
Tanto saber, tal bondade
Assi desapareceo?
Alma bemauenturada
Da quelle moço taõ nobre,
A hũa mui alta assomada,
Tudo lhe pareceo nada,
Quanto se dali descobre.
Dous condes d' hũa alta vea,
Que alumião Reyño & linguoã,
Em dano & em perda alhea,
Tinhaõ sua conta chea
No tempo da nossa mingua.

Ao menos pera esforçar
Os engenhos que atras vem,
(Que os soe a terra de dar,)
O passo he mao d'acertar,
Ficamos muitos da quem.
Pollo qual a este abrigo
Onde me acolhi cansado,
E mais inda a graõ perigo,
E âquellas letras que sigo
Deuo que nunca me enfado.
Deuo a muito minha amada,
Esò rica liberdade,
Que tiue aos dados jugada,
A que somente he mandada
Da razão boa, & verdade.
Nas cortes não pode ser,
Vedes os tempos que correm,
Vedes fugir & correr,
Por fugirem te morrer,
Dos lugares donde morrem.
Ora pór peito â corrente,
Que sejais forçoso & saõ,
E de sangue inda feruente,
Graõ nadador claramente,
He quebrar braços em vaõ.

Cansar, & sonhar priuanças,
Dar d'entrada á liberdade,
Logo por vãs esperanças,
Esses jogos, essas danças,
Passem co a mocidade.
Ando alimpando a pousada,
Lembrame quem diz qu'está
Ante a porta, bate, & brada,
Se a sentir despejada,
Pola ventura entrará.
Olhae as aues do ar,
(Diz o senhor qu'enriquece
O ceo, a terra, & o mar)
Vedelas ledas cantar,
Dizeime que lhes falece?
Da muita vossa fraqueza
Vem estes tantos suores,
Estes medos á pobreza
Vedes como a natureza,
Vestes ricamente as flores!
Andando nestes enleos,
Em quantos erros cahimos?
Sem conto, sem fim, sem meos,
Dormimos sonos alheos,
Os nossos não os dormimos.

Queremos o que outrem quer,
O que naõ quer engeitamos,
Dizeime como isto he ser,
Rimos o alheo prazer,
E ainda quando choramos.
Como de casa sabia,
Sempre dos seus olhos agoa
A Heraclito corria,
Pello que ouuia, & que via,
Que de tudo tinha magoa.
Em fim vendo o pouo incerto
Que pressa a errar leuaua,
Naõ sofreo tal desconcerto,
Fugio pera o campo aberto,
Liure sem muro & sem caua.
São Icronymo, alumiado
Da clara & diuina luz,
Passaua a vida apartado,
Das letras acompanhado,
Que nos confagrou a cruz.
Aquelle peito seguro,
A quem o mundo era riso,
Aas torres altas, & ò muro,
Carcer lhe chamaua escuro,
E áquelle ermo parayso.

Da nossa tão clara herança,
Cegos, que razão daremos?
Como nos não faz lembrança
Hũa tão certa ordenança
Do ceo, & do Sol que vemos?
Este posto, a noite traz
Consigo tantas estrellas,
De que formosa se faz,
Qual descuido pode em paz
Alçar os olhos a ellas?
Não se gaste mais pano
Apos nossa alma esquecida,
Lançada do Senhorio,
Tornemos atras ao fio,
Desta a que chamamos vida.
Ponhamonos em razão,
Cousa he que verá hum cego,
Queremos repouso, ou não?
Queremos, todos dirão
Ninguem não quer assossego.
Dizeime, & quando será
Que nos lẽbre, & que nos doa,
Quam certa que a queda está,
Siguindo a mentira má,
Deixando a verdade boa?

Que

Que vejamos como demos
Couſas ſem preço, por preço
Que lhe tão baixo poſemos,
A que eſtado nos decemos,
E de quam alto começo.
Antre os brutos animaes
Não ſe ouuerão por ſeguros,
Os homẽs racionaes,
Erão brauos, & erão mais,
Fizerão armas, & muros.
Agora porque vos conte
Quanto vi, tudo he mudado
Quando me acolhi ao monte,
Por meus vizinhos de fronte:
Vi lobos no pouoado.
Hum rato d'hũa cidade
Tomouo a noite por fora;
(Quem foje á neceſsidade?)
Lembroulhe a velha amizade
Doutro que hi no monte mora.
Sahiome aconta errada
(Muytas vezes a contece)
Creceome a minha jornada
(Diz entrando na pouſada)
Logo cidadão parece.

O po-

O pobre assi salteado
D'um tamanho cidadaõ,
Em busca d'algum bocado
Vai, & vem muito apressado,
Que naõ punha os pees no chaõ.
Ordena sua mesinha,
Inda tinha algum legume,
Inda algum poo de farinha,
Poslhe hi tudo quanto tinha,
Pede perdaõ por costume.
Diz, Quem tal adeuinhára,
(Contra o cidadaõ seuero)
Tanto reuoluera, & andara,
Que algũa cousa buscara,
A quem tanto deuo & quero.
Cumpre muito aquella mesa,
Mais da fome que da gulla,
Tem a fugueirinha acesa,
Faz rosto ledo á despesa,
Co trabalho dissimula.
Diz o cidadaõ comsigo
Que gente ha dantre penedos!
Que vai de Pedro a Rodrigo!
Bem disse o bom sengo antigo,
Que naõ saõ iguaes os dedos.

Depois do fraco comer,
Estando de tras o lar,
Começa o rico a dizer,
Dous dias que has de viuer
Aqui os queres passar?
Na aspereza do deserto,
Que não sei quem o soporte,
D'vrzes & tojos cuberto,
Sendo tudo tão incerto,
E tão certa só a morte?
Viue amigo a teu sabor
Mais he que cousa perdida,
Quem por si toma o peor,
Vaite comigo onde eu for,
Laveras que cousa he vida.
Quando as ambas prouares,
(Que eu doutrē não adeuinho)
Quando te enganado achares,
Ahi ficaõ teus manjares,
Ahi tēs tambem o caminho.
Assi disse, Eis o villaõ
Em aluoroço & balança,
Hia & vinha o coraçaõ,
Ora si, & ora naõ,
Vencco porem esperança.

E que pode hial fazer?
Viue com tanto cansaço,
Inda não pode viuer,
Naõ pode o anno vencer,
Que lhe assi corre despaço.
E diz, Quẽ não s'auentura
Naõ ganha, quẽ he q̃ o negue?
Escolhem hora segura,
Era pella noite escura,
Guia o rico, o outro segue.
Entraõ por paços dourados,
Cheirosos inda da cea,
Fiquẽ os casaes colmados,
Por sempre do sol torrados,
Fique a faminta da aldea.
Voume por meu cõto auante,
Amostra o cidadaõ tudo,
Que traz no bucho hũ ifante
Quẽ quereis q̃ naõ s'espãte?
Anda o vilanzinho mudo.
Que taõ sòmente em prouar
Das cousas que mais lhe aprazem,
Começam ja d'engeitar,
Começão de bocejar,
Em finos tapetes jazem.

Ora, o despenseiro chega,
(Que estes bẽs nao duraõ tanto)
Senteos, mas a pressa o cega,
Hum tiro, & dous mal emprega,
Segueos de canto em canto.
Os caẽs à volta correrão,
Ladrão, que he alto serão,
As casas estremecerão,
Hũs & os outros hi correrão,
Quis Deos que os gatos não.
Sabia o de casa a manha,
Sabia os passos, fugio,
O Ratinho da montanha
Aos pees em pressa tamanha
O coração, lhe cahio.
Mas espàçado o perigo
Da morte que ante si vira,
O coitado assi consigo
Polo seu repouso antigo
Que mal deixára, suspira.
Minha segura pobreza,
Se chegarei a ver quando
A ti torne? & èsta riqueza
Mal que todo o mundo preza,
Fuja se poder voando.

Mal tomadas esperanças
Apaga aqui não me tomẽ,
Traças que não abastanças,
Assaz vi das vossas danças,
Deos me torne à minha fomẽ.

A Antonio Pereyra Senhor do Basto, quando se partio para a Corte coa casa toda.

Omo eu vi correr pardaos
Por Cabeceiras de Basto,
Crecerem cercas, & o gasto,
Vi, por caminhos tão maos
Tal trilha, & tamanho rasto,
Logo os meus olhos ergui
A casa antiga, & á torre,
E disse comigo assi,
Se Deos nos não val aqui
Perigoso imigo corre.
Não me temo de Castella,
Donde inda guerra não soa,
Mas temome de Lisboa,
Que ao cheiro desta canela,
O Reyno no despouoa.

E que

E que algum embique & caya,
(A fora va mao agouro)
Falar por aquella praya
Da grandeza de Cambayà,
Narsinga das torres d'ouro.
Ouues Viriato o estrago
Que cá vay dos teus costumes?
Os leitos, mesas, & os lumes,
Todo cheira: eu oleos trago,
Vem outros trazem perfumes.
E ao bom trajo dos pastores,
Com que saiste á peleja
Dos Romaõs taõ vencedores,
Saõ mudados os louuores,
Naõ ha la quem t'aja enueja.
Entrou dias ha peçonha
Clara pellos nossos portos,
Sem que remedio se ponha,
Hũs dormentes, outros mortos,
Alguem polas ruas sonha.
Fez no começo a pobreza
Vencer os ventos, & o mar,
Vencer quasi a natureza,
Medo ey de nouo á riqueza,
Que nos venha a catiuar.

Estas serras & penedos
Fazem sevos vistas feas,
Ia torceis o rosto ás aldeas,
Direis dos vinhos azedos
O que ja disse Cineas.
A quem nos cõuites dado
Aprouar, se lhe aprouuesse,
Despois nos olmos mostrado,
Nunca vi (disse) enforcado
Que a forca assi merecesse.
As vozeiras montarias,
Derribar aues que vão,
Cantando inuerno & verão,
Que al he saluo remir dias
Do enfadamento aldeão?
Que trabalhosos concertos
De vilaõs desentoados,
Os de vilaõs mal cubertos,
E o que he peor, pouco certos,
Muito desarrezoados.
Direis, & eu naõ volo nego,
Mas quereis tambem que diga?
Este mundo he armado embriga,
Não busqueis nelle assosego
Nem nũa alta ermida antiga.

Toda via ha differenças
Antre o de cá, & o de lá,
Cá nas mais das desauenças
Ereis mestre das sentenças,
Para ond'his outrem as dá.
Tereis em troca manjares,
Composições delicadas,
Hũas por outras grosadas,
Pellos tempestuosos mares
A gram perigo buscadas.
Conuites de quem conuida,
Amostraõuos suas tendas,
Quanta cousa hi he perdida!
Ceas imigas da vida,
Imigas más das fazendas,
Disto o cheiro, disto a cor,
Que preço nam tem igual,
Milagres de Portugal,
Cousas de tanto sabor
Para saberem taõ mal.
Onde se ha de lançar tanto?
Aquillo he pagar o pato,
Em fim quando m'aleuanto,
Ou ey de morrer d'espanto,
Ou se não m'espanto, mato.

Que contas vão tão erradas,
Enfastia o que sobeja,
Quem come o que não deseja?
Soyão ser as conuidadas
Vontades, agora he enueja.
Entra com vosco amenhaã,
Falaõse muitas linguoages,
Na tal cea cortesaã
Quanta mestura vay vaã,
A fora as nouas potages?
Os bõs conuites antigos,
Antes de se tudo alçar,
Erão para conuersar
Os parentes, & os amigos,
Que não pera arrebentar.
E de viuer juntamente,
Ouuerão conuites nome,
Soltos os olhos da gente,
Porque vissem que somente
A li se mataua a fome.
Aquella vfana Raynha
Irmaã do vil Tolomeu,
Que o rico pendente deu
Prodigamente à cozinha
Num grande banquete seu.

Vendo tudo irſe à perder,
Os amigos conuidaua,
Ia porem não de viuer,
Mas d'aſsi juntos morrer,
Na ſua lingoa os chamaua.
A voſſa fonte taõ fria
Da Barroca, em Iulho & Agoſto,
Inda me he preſente o goſto
Quam bem que nos hi ſabia
Quanto na meſa era poſto.
Ali não mordia a graça,
Erão iguaes os Juizes,
Não vinha nada da praça,
Ali da voſſa cachaça,
Ali das voſſas perdizes.
Ali das fruitas da terra,
(Que tem cada mes a ſua)
Colhida em ſazão cada hũa,
Nunca o ſabor á cor erra,
Nem ao nome de nenhũa.
O ceas do paraiſo
Que nunca o tempo vos vença,
Sem fala trocada, ou riſo,
Nem carregadas de ſiſo,
Nem danadas da licença.

Deshi ogosto chamando
A mores outros sabores,
Liamos pollos amores,
Tambem escritos d' Orlando,
En voltos em tantas flores.
Liamos os Assolanos
De Bembo, engenho tão raro
Nestes derradeiros annos
Cos pastores Italianos.
Do bom velho Sannazaro,
Liamos polo alto Lasso,
E seu amigo Boscão,
Honra d' Espanha que saõ,
Hiame meu passo, a passo,
Aos nossos que aqui naõ vão.
Se eu isto estimado agora
Vira, como dantes era,
Por meu conto auante fora,
Mas não diz hora com hora,
Vaise como ao fogo a cera.
Que troca, ver la pasquinos,
Desta terra cento a cento,
Quem o vè sem sentimento?
Tratar os liuros diuinos
Com tal desacatamento!

E o que

E o que não deuem d'ousar,
Dizer, se em giolhos não,
(Que graças para chorar!)
Torcem, fazendo falar,
Ao som da sua paixão.
Esquecidos do conselho
Mas que digo eu? do mandado
Sendo porquem foi vedado,
No santissimo Euangelho,
Aos caẽs não deis o sagrado.
Peitos que sonhando andaes,
O muito não no troqueis
Por nadas, como o trocais,
As perlas Orientaes
Aos porcos as não lanceis.
Iugareis? *O* razão cega
Sempre o jogo fiz defeso,
Que tem noite, & dia preso,
O triste que assi o emprega,
O seu tempo todo em peso.
E des o Grou, tè Foloſa,
Homẽs de seiscentas cores,
Sò no jogo não tem groſa,
Conuersação perigoſa,
Missa d'arrenegadores.

Mal

Mal sem emenda he o jogo,
Antre os seus males mayores.
Hum Rey de grandes primores,
Dos nossos, mandou pór fogo
Aa casa, & aos jugadores.
Das leis antigas imigo,
Desprezador das modernas,
Continuador do perigo,
Dores sempre aqui, consigo,
Vai caminho das eternas.
Passemos por outros jogos
Que la vão, por outros tratos,
Fazer, dessfazer contratos,
Salamandras nos seus fogos
De Herodes para Pilatos.
Eaquelle grande aluoroço
D'Atãbor que à guerra chama,
Leua o velho, leua o moço,
Que entrã primeiro emdestroço
Que percão de vista Alfama.
Oo vida dos lauradores,
Se elles conhecessem bem
As auantages que tem,
Co aquelles santos suores
Que a si & ò mundo mantem.

Tratando coa madre antiga
Que de quanto em ſi recebẽ
(Nã entre engano, ou maa ligã)
Singelamente ſe obriga
A pagar mais do que deue.
*A*quelles mayores noſſos
Antigos Padres primeiros,
Erão no começo inteiros,
Eraõ ſantamente groſſos,
Sẽ mal como os ſeus cordeiros.
Regidos da natureza,
Nem tanto papel eſcrito
Vem hum reza, & outro reza
Sem canſar, & ſem certeza,
Buſcaõ, nunca achaõ o fito.
Foi ſem malicia & mao erro
A boa idade dourada,
Apreſſouſe a prateada,
Naõ tardou nada a de ferro,
Que tudo põs á eſpada.
Quanta ſombra que aparece!
Tapaime a boca coas maõs,
Ora atras, que naõ me eſquece,
Tambem por cà ſe adoece,
Vaõ porem aires mais ſaõs.

Por isso a gentilidade
Que em tudo philosophaua,
Ao Deos da saude alçaua
Templo fora da cidade,
Hi por ella se offertaua.
E áquelle Virbio a quem
Dera vida, nunca às festas
Nunca às cidades vem,
Sempre só por fora o vem
Caçando pollas floreſtas.
Hi que encontre cum Lião,
Cum vsso que anda ao traues,
Traz consigo á seus librès
Com que lhe o caminho dão,
Não he aquella a sua Res.
Da cousa maa claramente
Logo quem a vé se vella,
Chegase á que branda sente,
Por isso á antiga serpente
Pintão rosto de donzella.
Quando os antigos a alguem
Louuauão, não de senhor,
Nem de rico era o louuor,
Chamauão lhe homem de bem,
E ainda bom laurador.

A nossa

A nossa gente, que quis
Arremedar nos louuores,
Que agora parecem vis,
Aos bõs Reys Sancho & Dinis
Chamarãolhe lauradores.
Os prudentes dos Romanos
Antes que o tino perdessem
Donde cuidaes que escolhessem
Cincinatos & Serranos,
Que ante si em campo posessem?
E aquella sua grandeza,
Que o tempo não quer q̃ moura
Vemos que á mais da nobreza
Sobrenomes da riqueza
Naõ pós, antes da lauoura.
Inda oje vemos que em França
Viuem nisto mais à antiga,
A villa o villaõ se abriga,
Donde traz nome de herança
Mantẽno a sua fadiga.
Acende a fragoa o ferreiro,
Iuntamente, & o gallo canta,
Morde o couro o çapateiro
Brada co moço ronceiro
Que inda se enuolue na manta.

Viue a nobreza por fora
Segura;os despouoados
Corre cos lobos ousados,
Por darredor donde mora,
Mantem liure o mont' ós gados.
Da má gente auentureira,
Que âs escuras traz seu trato,
Que possa liure quem queira
Cantando ir de noit' â feira,
Ou dormindo no mulato.
Bom tempo, quando segura
A cabeça s'encostaua
Onde o sono a conuidaua,
Contente da cobertura
Taõ rica, que lhe o ceo daua.
Bebiaõ tomada ás maõs
D'agoa, que fosse em velhice,
Melhor que por vasos vaõs,
Lauaua ella os peitos saõs,
Antes da gargantoice.
Iacob fugindo ao irmaõ,
Qu'o mal tinha ameaçado,
Pastor ao campo vsado,
Passou o rio Iordam,
Na ajuda do seu cajado.

Como o sol ao mar deceo
Comeria do fardel,
Dagoa no rio bebeo,
Nũa pedra adormeceo,
Pos nome ao lugar Bethel.
Natureza nos posera
Como os olhos nos abrio
Ao perto, tudo o que vio
Que necessario nos era,
Do mais tudo se sorrio.
Como hũa aue ja vezada
A toda delicadeza,
He milhor ajuizada,
Foge â gayola dourada,
Vay buscar a natureza.
Hũa disposiçaõ mâ,
Longa enfirmidade & dor,
Que vay de mal em peor,
Onde remedio achará
Se á natureza nam for?
Cega da minha porfia,
Qu'em vão tanta razam gasta,
Que fazeis? que vos obriga?
Deixais esta madre antiga,
Isvos buscar a madrasta.

Dos voſſos nobres auós
As Cruzes em ſangue abertas,
Vos poem obrigações certas
Que não as deixeis cá ſós,
A ſer do muſgo cubertas.
O que porem não dirão
Em quanto cá tem tal feira,
Como he a de tal irmaõ,
Que naõ ouue o nome em vão
De Nuno Aluarez Pereyra.
Por toda eſta grande Eſpanha
Froais que ſohiaõ chamar,
Fez em Pereiras mudar,
Não do Rey mouro a patranha,
Mas voſſo antigo ſolar.
Do qual naõ ha muitos annos
Que hum que aqui Braga regeo,
Pondo a parte os longos panos,
Hum paſſo aos Caſtelhanos
Aa eſpada de fendeo.
Ao Reino cumpre em todo elle
Ter a quem o ſeu mal doa,
Não paſſar tudo a Lisboa,
Que he muito o peſo, & com elle
Mete o barco naguoa a proa.

E mais isvos muito ao ponto
Para qualquer apetito,
Então j'eu ouui hum conto,
A quem espreita & está pronto,
Não vades mudar o fito.
Tereis la conuersações,
Tereis graças delicadas,
Do ar do paço adubadas,
E ás vezes das prégações,
Com muito gosto furtadas.
Trasposerão os amores,
Deixaraõ o paço aas cegas,
Saem de nouo mantedores,
Continuos murmuradores,
Pola praya d' Enxobregas.
Vereis barcos ir à vella,
Hús que vaõ, outros que vem,
Como que se desauem,
Cũa viraçaõ singella,
Tanta força a arte tem.
Os marinheyros vadios
Que vil mente a vida apreçaõ
Polas cordas dos nauios,
Volteaõ como bugios,
Inda que vos al pareçaõ.